



## Resenha da obra

# “Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal”

*Book review of*

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **Colonialismo de dados e modulação algorítmica:** tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

Júlio ARAÚJO

Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza-CE, Brasil  
[araujo@ufc.br](mailto:araujo@ufc.br)

**Resumo:** Esta coletânea analisa criticamente os efeitos do avanço das tecnologias digitais, da inteligência artificial e da dataficação na consolidação de um novo regime de dominação: o colonialismo de dados. A partir de uma perspectiva tecnopolítica e decolonial, os autores investigam como plataformas digitais, big techs e sistemas algorítmicos intensificam desigualdades históricas, submetendo territórios periféricos à lógica extractivista de dados. A obra articula teoria crítica, estudos pós-coloniais e exemplos do contexto brasileiro para revelar formas de sujeição, resistência e modulação algorítmica no neoliberalismo.

**Palavras-chave:** tecnologia digital; capitalismo de vigilância; colonialismo de dados; plataformas digitais; modulação política; Brasil.

**Abstract:** This volume critically examines the impacts of digital technologies, artificial intelligence, and datafication in shaping a new form of domination: data colonialism. Through a technopolitical and decolonial lens, the authors explore how digital platforms, big tech corporations, and algorithmic systems deepen historical inequalities by subjecting peripheral territories to data-extractive logics. Bridging critical theory, postcolonial studies, and empirical cases from the Brazilian context, the book reveals how algorithmic modulation, neoliberal governance, and resistance practices intertwine in the global digital order.

**Keywords:** digital technology; surveillance capitalism; data colonialism; digital platforms; political shaping; Brazil.

A era digital transformou-se em um novo campo de batalha, onde os dados são as riquezas exploradas e os algoritmos, os novos colonizadores. Colonialismo de Dados e Modulação Algorítmica: Tecnopolítica, Sujeição e Guerra Neoliberal, organizado por João Francisco Cassino, Joyce Souza e Sérgio Amadeu da Silveira, é uma obra coletiva que se propõe a desnudar as dinâmicas de poder e domínio no contexto digital contemporâneo.

O público-alvo do livro são pesquisadores das ciências sociais, políticas e tecnológicas, linguistas aplicados bem como ativistas e formuladores de políticas interessados em compreender como os dados são apropriados e utilizados para fins de controle e exploração. O livro reflete um esforço intelectual coletivo de autores como Débora Franco Machado, Iara Schiavi, Marcelo de Faria, Tarcízio Silva entre outros, trazendo perspectivas críticas sobre os impactos da dataficação e do capitalismo de plataforma.

De forma abrangente, a obra argumenta que a era dos dados não representa um simples avanço tecnológico, mas sim a continuidade de uma lógica colonialista, onde a exploração dos territórios físicos foi substituída pela apropriação dos fluxos informacionais.

O livro está organizado em duas grandes partes, totalizando dez capítulos, cada um abordando aspectos específicos da relação entre dados, algoritmos e domínio neoliberal.

A primeira parte do livro, “Colonialismo de Dados e as Tecnologias no Século XXI”, apresenta cinco capítulos que constroem as bases teóricas e históricas do colonialismo de dados e oferecem análises críticas potentes. João Francisco Cassino inaugura a obra contextualizando as continuidades entre colonialismo histórico e digital, em um capítulo introdutório sólido, ainda que mais panorâmico do que aprofundado. Sérgio Amadeu da Silveira, no capítulo seguinte, entrega uma das reflexões mais densas e provocadoras do volume ao articular colonialismo de dados e neoliberalismo, embora exija maior familiaridade conceitual do leitor.

Débora Franco Machado discute as mídias sociais como dispositivos de extração, iluminando o papel cotidiano dos usuários nesse processo, enquanto Rodolfo Avelino aprofunda a noção de colonialismo digital e suas manifestações nas grandes plataformas, apesar de pressupor certo domínio prévio sobre plataformaização. Tarcízio Silva encerra a primeira parte com um capítulo de forte impacto, examinando a colonialidade algorítmica no ImageNet e expondo como camadas de opacidade técnica reproduzem desigualdades estruturais em um texto tecnicamente exigente, mas indispensável e brilhante. Em conjunto, esses capítulos oferecem ao leitor um panorama consistente e crítico, suficiente para despertar curiosidade e desejo de aprofundamento no tema.

A segunda parte da obra, “Dominação e Modulação Algorítmica de Segmentos da Vida Social”, desloca o debate para aplicações concretas e efeitos materiais da colonialidade digital em diferentes esferas sociais. Joyce Souza abre essa seção com uma análise contundente dos algoritmos preditivos na saúde pública brasileira, evidenciando como sistemas supostamente “técnicos” reforçam desigualdades históricas; ainda que pudesse explorar casos mais específicos, é uma contribuição crucial para os estudos críticos sobre os sistemas algorítmicos. Em um texto que convoca uma autocrítica institucional, no mínimo, necessária, Mariella Batarra Mian examina o papel das universidades federais na exploração de dados. Iara Schiavi desconstrói o discurso das “cidades inteligentes”, mostrando como a dataficação urbana aprofunda vigilâncias e desigualdades, enquanto Victoria Ermantraut discute a venda de soluções algorítmicas da Microsoft e seus impactos sobre soberania tecnológica, ainda que focando mais em uma empresa do que no ecossistema completo. Por fim, Marcelo de Faria oferece uma nota de resistência ao apresentar o caso da moeda digital indígena Oyxabaten, sugerindo caminhos alternativos à lógica extrativista hegemônica. Esses capítulos, juntos, revelam como o colonialismo de dados atravessa políticas públicas, instituições, cidades e infraestruturas e como também é possível imaginar práticas de contraposição.

Afigura-se relevante destacar que essa discussão sobre modulação algorítmica e colonialismo de dados encontra eco em obras como *Cidadãos Substituídos por Algoritmos*, de Néstor García Canclini (2021), e *Colonialismo Digital: Por uma Crítica Hacker-Fanoniana*, de Deivison Faustino e Walter

Lippold (2023). Enquanto García-Canclini aborda a transformação da cidadania sob o império dos algoritmos e questiona a “descidadanização” provocada pela lógica digital, Faustino e Lippold denunciam a violência estrutural do colonialismo digital e sua relação com o racismo algorítmico. Ambos os livros dialogam diretamente com a tese central de Colonialismo de Dados, evidenciando como os algoritmos modulam, capturam e restringem a autonomia dos sujeitos no mundo digital.

A obra de García-Canclini enfatiza que “ser cidadão já não significa o que se imaginava em etapas anteriores do capitalismo” (García-Canclini Canclini, 2021, p. 45-46), enquanto Faustino e Lippold vão além e argumentam que “o colonialismo digital é a nova face da exploração imperialista do capitalismo neoliberal” (Faustino; Lippold, 2023). Em ambos os casos, as discussões convergem para uma crítica da modulação algorítmica como um mecanismo de controle social e extrativismo de dados.

A era da inteligência artificial e dos algoritmos não representa apenas um avanço tecnológico, mas também um aprofundamento das dinâmicas de exclusão e controle social. A modulação algorítmica, ao transformar interações cotidianas em previsões de comportamento, restringe escolhas e preserva desigualdades, criando realidades nas quais os sujeitos são moldados por sistemas que operam sem transparência e sem responsabilização. O colonialismo de dados surge como a nova face de um velho problema: a exploração assimétrica do conhecimento e da informação, agora mediada por infraestruturas digitais que concentram poder nas mãos de poucas corporações e governos.

Se o algoritmo é um texto (Araújo, 2025), então cada modelo computacional é também um ato de leitura e um gesto de escrita sobre o social. Esses textos computacionais, embora invisíveis em sua materialidade, classificam pessoas, antecipam comportamentos e modulam trajetórias. Assim, os sistemas algorítmicos que atravessam o consumo, o trabalho e a cidadania digital funcionam como narrativas silenciosas que reinscrevem desigualdades: ao interpretar corpos e territórios por meio de lógicas herdadas, acabam restringindo o acesso de grupos historicamente vulnerabilizados a direitos como crédito, saúde e segurança.

Nesse sentido, o livro Colonialismo de Dados e Modulação Algorítmica alerta para a urgência de repensarmos as estruturas que sustentam esse modelo de sujeição digital. A resistência contra a dominação algorítmica passa pelo reconhecimento de sua lógica excludente e pela formulação de estratégias políticas e tecnológicas que desafiem essa nova forma de colonialismo. Trata-se, portanto, de uma leitura essencial para quem deseja compreender as novas formas de sujeição digital e as implicações políticas da dataficação. Recomendado tanto para acadêmicos quanto para ativistas, ele amplia o debate sobre o impacto das tecnologias na organização social contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio. O algoritmo é um texto. **Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte, v. 18, e58505, 2025b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.58505>.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Cidadãos substituídos por algoritmos**. São Paulo: EdUSP, 2021.

ARAÚJO, Júlio. Resenha da obra "Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal". **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e95318, 2025. DOI: 10.36517/ep15.95318